

## **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Anchieta, José de. 1846. Informação dos casamentos dos índios do Brasil.  
*Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo VIII, p. 254-262. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva. [2a. edição, 1867]

Permalink: [http://biblio.etnolinguistica.org/anchieta\\_1846\\_casamentos](http://biblio.etnolinguistica.org/anchieta_1846_casamentos)

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente item, extraído de volume digitalizado pelo projeto Google Books (<http://books.google.com>), foi incluído no acervo da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em dezembro de 2008.

**REVISTA TRIMENSAL**  
**DE**  
**HISTORIA E GEOGRAPHIA**  
**OU**  
**JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO**

---

**2° TRIMESTRE DE 1846.**

---

**REVISTA TRIMENSAL**  
DE  
**HISTORIA E GEOGRAPHIA**

OU  
**JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO**

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

**DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECCÃO DE S. M. I.**

**O SENHOR D. PEDRO II.**

*Hoc facit ut longos durent bené gesta per annos,  
Et possint será posteritate frui.*

---

**TOMO VIII**

---

**SEGUNDA EDIÇÃO**



**RIO DE JANEIRO**

**TYPOGRAPHIA DE JOÃO IGNACIO DA SILVA**

RUA D'ASSEMBLÉA N. 91

1867

Luiz de Sousa, presidente da provincia de S. Paulo. —  
João da Silva Machado.

---

## INFORMAÇÃO

DOS CASAMENTOS DOS INDIOS DO BRASIL,

*Pelo padre José d'Anchieta (\*)*.

(Manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio correspondente o  
Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen).

Os indios do Brasil parece que nunca têm animo de se obrigar, nem o marido á mulher, nem a mulhãr ao marido, quando se casam: e por isso a mulher nunca se agasta porque o marido tome outra ou outras, reste

(\*) Em carta dirigida ao Instituto no 1o de Maio de 1844, o Sr. Varnhagen assim se exprime ácerca d'este manuscripto:

« No n. 14 (1.ª serie) da *Revista Trimensal* foi impresso o tito eloquente como erudito desenvolvimento do nosso consocio o Sr. coronel José Joaquim Machado de Oliveira no programma sorteado *Qual era a condição social do sexo feminino entre os indigenas do Brasil* » Ao acabar de ler essa excellentè dissertação o espirito fica satisfeito á vista de tantos argumentos que lhe fallam á razão, á imaginação, e até ao sentimento; e quasi essa leitura deixa em nós repugnancia á só idéa da possibilidade da minima opposição ás bellas e consoladoras doutrinas apresentadas. Mas uma vez que algum facto positivo se levanta, a historia com o seu aspecto sisudo superior a todas as sympathias deve receber-o como prova ao julgamento no seu tribunal de justiça; e é ella recta no lavar da sentença, embora com esta se vá desherdar de bellas propriedades com que se enriquecia, e que até ahí julgava serem-lhe de direito pertencentes.

» Em um precioso livro, com 215 folhas, de varios papeis tocantes aos jesuitas do Brasil nos fins do seculo 16.º, de letra con-

com ellas muito ou pouco tempo, sem ter conversação com ella, ainda que seja a primeira; e ainda que a deixe de todo, não faz caso d'isso, porque se é ainda moça, ella toma outro, e se é velha assim se fica sem esse sentimento, sem lhe parecer que o varão lhe faz injuria n'isso, sobre tudo se isso o serve e lhe dá de comer, etc. — E de ordinario tem paz com suas comborças, porque tanto as têm por mulheres de seus maridos, como a si mesmas. Em Piratininga, da capitania de S. Vicente, *Cuy obij*, velho de muitos annos, deixou uma de sua nação, tambem muito velha, da qual tinha um filho homem muito principal, e muitas filhas casadas, segundo seu modo, com indios principaes de toda a aldêa de Jaribâtiba, com muitos netos, e sem embargo d'isso casou com outra, que era *Guayana* das do mato, sua escrava tomada em guerra, á qual tinha por mulher, e d'ella tinha quatro filhos, e esta trazia comsigo, e com ella estava e conversava, e depois a recebeu *in lege gratia*, sem a primeira mulher nem os filhos e genros fazerem por isso sentimento algum.

O mesmo fez *Araguaçú*, indio tambem principal e velho, que casou com uma sua escrava moça *Tamoya*, que havia muito pouco tomára em guerra, sem fazerem caso d'isso, nem o tomarem por affronta outras duas mulheres que tinha, e filhos já homens, e uma filha já mulher casada. E se algumas mulheres mostram sentimento d'isso, é pelo amor carnal que lhe tem e pela conversação de

temporanea, encadernado em pergaminho, e que hoje é da Bibliotheca Eborense, encontrámos á folha 130 uma memoria sobre o mencionado assumpto, a qual occupa seis paginas, e se diz á margem, no mesmo caracter de letra, ter sido escripta por *Joseph Anchieta*. Esta memoria é importantissima pelos factos que aponta, e que fornecem para a questão que se quer elucidar bem explicados factos. Sem asseverar que elles vão contrariar as opiniões do Sr. Machado de Oliveira, nem mesmo que vão escurecer com aquarellas prosaicas alguns coloridos em que a convicção intima do espirito o faz até parecer inspirado, creio todavia, que uma copia, que inclusa remetto, será ainda, pelas outras noticias que dá dos indios principaes de diferentes aldêas, bem recebida pelo Instituto, ao qual tomo a liberdade de a offertar. »

muito tempo, ou por elles serem principaes; mas logo se lhes passa, porque ou se contentam com os filhos que têm, ou se casam com outros: e algumas ha, que dizem aos maridos que as deixem, que lhe bastam seus filhos, e que elles tomem outra qual quizerem.

E se a mulher acerta ser varonil e virago, tambem ella deixa o marido, e toma outro, como me contaram que fez a principal mulher de *Cunhãbêba* (\*), que era o principal mais estimado dos *Tamoyos* que havia na comarca de Yperuig, do qual tinha já um filho e uma filha casadouros, e com tudo isso o deixou, por elle ter outras, ou pelo que quiz, e se casou ou amancebou com outro: e outras fazem o mesmo sem sentimento dos maridos; e assim nunca vi, nem ouvi, que com o sentimento de adulterio algum indio matasse alguma de suas mulheres; quando muito espancam o adultero se podem, e elle tem paciencia pelo que sabe que tem feito, salvo se é algum grande principal, e a mulher não tem pai ou irmãos valentes de que elle tenha medo: como me contaram de *Ambirem*, um grande principal do Rio de Janeiro, naturalmente crudelissimo e carnicero, e grande amigo dos francezes, o qual d'algumas vinte mulheres que tinha, por lhe fazer uma adulterio, a mandou atar a um páo, e abrir com um machil pela barriga; e o adultero, que era um seu sobrinho, andou algum tempo ausentado d'elle com medo de ser morto; mas isto bem parece que foi lição dos francezes, os quaes costumam dar semelhantes mortes, porque nunca indio do Brasil tal fez, nem tal morte deu. O mesmo, e peor, e com maior facilidade fazem outros ás mancebas; por onde parece não é o sentimento pelas terem por legitimas mulheres, senão haveria ciumes, como fez *Tamandiba*, grande principal de Piratininga, que enforcou uma sua manceba, que era sua escrava tomada

(\*) Este principal era o mesmo que tanto figura nas narrações de Hans Staden com o nome de *Konyan Bebe*. (V.)

em guerra; e o outro indio d'aldéa de *Marranhaya* a outra sua manceba escrava da mesma maneira (se bem me lembra), quebrou a cabeça com uma fouce, ou por ellas andarem com outros, ou ao menos pelo suporem.

*Agoaçã*, que é nome commum a homem e mulher, significa barregão ou manceba commum a qualquer homem ou mulher, ainda que não tivesse com elle ou com ella mais que um só congresso; e com as taes andam ás escondidas (como se faz em todo o mundo), e por isso ao tal acto chamam tambem *mandaró* sc. *furtum*; e se algum filho hão d'esta maneira, chamam-lhe filho de meu barregão ou de minha manceba, ou *mandaró d'guera* sc. *furtum meum*. E isto tem por máo, e assim respondem todos quando se examinam para o baptismo.

Mas se as têm de sua mão, de maneira que ellas não andam com outros (*nisi forte furtim*), andam no mesmo fóro que as que chamam *Temirecô*, sc. *uxores*, e parece que com o mesmo animo se ajuntam com ellas que com as mulheres, sem fazerem differença n'isso, e tão pouco sentimento têm de andarem com ellas como com as mulheres; e assim quando os examinam para o baptismo, dizem que tantas ou tantas vezes se furtaram d'ellas (*ut ipso verbo utamur*) e andaram ás escondidas com outras, como o dizem d'aquellas a que chamam *Temirecô*, e tão depressa e tão sem pejo estão com ellas como com as mulheres; ainda que d'estas poucas vi nos indios, comtudo de *agoaçã*, porque commumente a todos chamam *Temirecô*, e com este nome têm diversas em differentes aldéas, e todas no mesmo fóro que aquellas que têm consigo mais de assento em sua propria aldéa.

Os mancebos baptizados em pequenos em Piratininga, como não estavam sujeitos quando creciam, e outros indios christãos viuvos, tomavam moças gentias ou christãs, e as tinham em seus lanços como mulheres com filhos sem nota alguma, e a estas taes lhe costumavam chamar os outros a mulher de N., sabendo muito bem que o não eram por serem elles christãos, e não as te-

rem recebido na igreja; e se algum d'estes mancebos se ia ao sertão, e lá se amancebava (como muitos faziam), diziam os pais, já N. tem mulher no sertão, usando todos estes do nome de *Temirecô*.

*Temericô* chamam as contrarias que tomam na guerra com as quaes se amancebam, e ainda que sejam christãs, como eram muitas escravas dos portuguezes, que tomavam os *Tamojos* em saltos, e as mesmas mestiças filhas dos portuguezes as quaes tinham por mulheres como as suas proprias de sua nação.

*Temericô* chamavam ás indias mancebas dos portuguezes, e com este titulo lh'as davam antigamente os pais e irmãos quando iam a resgatar ás suas terras, como os *Tamojos* e *Temiminós* do Rio de Janeiro e de Espirito Santo, os *Tupis* de S. Vicente, os *Tupinambás* da Bahia, e finalmente todos da costa e sertão do Brasil, dizendo-lhes leva esta para tua mulher, com saberem que muitos d'aquelles portuguezes eram casados; e ainda que os portuguezes as tinham por mancebas, comtudo as tinham de praça nas aldeas dos indios, ou fóra d'ellas, com mulher, filhos e filhas, porque para os indios não era isto pejo nem vergonha, e lhes chamavam *Temirecô* e mulher de N., e a elles genros, e os portuguezes aos pais e mãis d'ellas sogros e sogras, e aos irmãos cunhados, e lhes davam resgates, ferramentas, roupas, &c., como a taes, como os indios a que chamam genros lhes vão a roçar ou pescar algumas vezes, por onde não parece serem estes sufficientes signaes de matrimonio nem de parte dos que se amancebam com ellas, nem dos pais ou irmãos que lh'as dão.

O nome de *Temirecô etê*, sc. *Uxor vera*, creio que o tomaram dos padres, que lhes queriam dar a entender a perpetuidade do matrimonio, e qual é mulher legitima, porque d'este vocabulo *etê*, que quer dizer legitimo, usam elles nas cousas naturaes da sua terra, e assim a seu vinho chamam *cãoy etê*, vinho legitimo verdadeiro, á differença do nosso a que chamam *cãoy dyà*, vinho agro. A suas antas chamam *tapitretê*, verdadeira, e as nossas vaccas á sua semelhança chamam *tapyruçú*, vac-

cas grandes etc. Mas na materia do parentesco nunca usam d'este vocabulo *eté*, porque chamando pais aos irmãos de seus pais, e filhos aos filhos de seus irmãos, e irmãos aos filhos dos tios irmãos dos pais, para declararem quem é seu pai, ou filho verdadeiro, etc. nunca dizem *xerábeté*, meu pai verdadeiro, senão *xerába xemonhangára*, meu pai *qui me genuit*, e ao filho *xeraira xeremimonhanga*, meu filho *quem genui*; e assim nunca ouvi a indio chamar a sua mulher *xeremirecê eté*, senão *xeremirecê* (simpliciter) ou *xeraicig*, mãe de meus filhos; nem a mulher ao marido *xemeneté*, *maritus verus*, senão *xemêna* (simpliciter) ou *xemembira raba* pai de meus filhos, do qual tanto usam para o marido como para o barregão; e se alguma hora o marido chamar alguma de suas mulheres *xeremirecê eté*, quer dizer minha mulher mais estimada ou mais querida, a qual muitas vezes é a última que tomou, porque *eté* tambem quer dizer fino ou estimado, como *eté eté*, mato fino, de boa madeira, *iybira eté*, pão fino, rijo, etc.

A's filhas das irmãs não chamam *temericô eté*, nem por taes as têm; porque muitos índios com terem muitas sobrinhas, e muito gentis mulheres, não usam d'ellas; mas como os irmãos têm tanto poder sobre as irmãs, têm para si que lhes pertencem as sobrinhas, para as poderem ter por mulheres, e usar d'ellas *ad libitum* se quizerem, assim como as mesmas irmãs, dão a uns e tiram a outros. *Taragoaj*, indio muito principal na aldêa de Jaribatiba, que é no campo de S. Vicente, tinha duas mulheres, e uma d'ellas era sua sobrinha, filha de sua irmã; e quando se baptisou, deixou a sobrinha, ainda que era mais moça, e casou com a outra.

O terem respeito ás filhas dos irmãos é porque lhes chamam filhas, e n'essa conta as têm; e assim *neque fornicarié* as conhecem, porque têm para si o parentesco verdadeiro, vem pela parte dos pais, que são os agentes; e que as mãis não são mais que uns saccoes,



em respeito dos pais, em que se criam as crianças, e por esta causa os filhos dos pais, posto que sejam havidos de escravos e contrarias captivas, são sempre livres e tão estimados como os outros; e os filhos das femeas, se são filhos de captivos, os têm por escravos e os vendem, e ás vezes matam e comem, ainda que sejam seus netos, filhos de suas filhas, e por isso também usam das filhas das irmãs sem nenhum pejo *ad copulam*, mas não que haja obrigação nem costume universal de as terem por mulheres verdadeiras, mais que a outras, como dito é. E por esta causa os padres as casam agora com seus tios, irmãos das mãis, se as partes são contentes, pelo poder que têm de dispensar com elles, o qual até agora se não fez com sobrinho filho de irmão, nem ainda em outros grãos mais afastados que vem pela linha dos pais, porque entre os indios se tem isto por muito estranho.

Os que têm muitas mulheres a que chamam *Temirec*, não é possível saber-se com qual d'ellas se juntaram com animo marital, porque nem elles entendem quanto importa fallar n'isto verdade, nem o sabem dizer realmente, porque para com todas tiveram o mesmo animo. E muitas vezes querem mais a segunda, terceira, quarta, e ainda a ultima que as outras, e por serem ou mais moça, ou mais fecundas, ou filhas de principaes. E não ha certeza para que *cæteris paribus* se haja de presumir em favor da primeira, antes muitas vezes n'estas ha menos duvida e mais probabilidade que não tiveram animo de se obrigar a ellas, porque como então são mancebas, as vezes tomam alguma velha de que não esperam filhos, porque não acham outra, sómente para que lhes faça de comer, porque se acertam de não terem mãis ou irmãs, que tenham cuidado d'elles, são coitados, e contentam-se por eutão com qualquer velha, com que estão bem agasalhados, sempre com olho em tomarem outras de que tenham filhos, como depois fazem, ou deixando a primeira, ou retendo-a, se ella quer, para o effeito

sobredito : e como entre os indios ha muito poucas mulherer meretrizes e devassas, e a carne aperta com os moços, tomam qualquer que acham, ou velha ou moça, ainda que não seja muito a seu gosto, porque por então não podem mais, esperando e tendo quasi por certo que terão depois outras, como acontece principalmente se são valentes nas guerras, ou filhos de grandes principaes, porque então os pais lhes dão as filhas, e os irmãos as irmãs, e a estas se affeioam mais que á primeira, a qual parece que não tomaram senão *ad tempus*, nem têm animo de se obrigar a ellas, nem ellas a elles, porque já ellas sabem que elles hão de tomar outras quando acharem occasião, e as hão de deixar.

Dos que têm uma só mulher de que houveram filhos, e com a qual perseveraram até á velhice, póde haver mais duvida, porque parece que estes têm differente affeição e animo marital, não porque ao principio o tivessem tal, porque todos se juntam com ellas d'uma mesma maneira, e tambem estes, como todos os outros, *in preparatione animi* têm muitas, e se as não tomaram, foi não por se terem por obrigados a aquellas, senão porque houveram filhos d'ellas, e os serviram bem, e lhos foram leaes, e não tiveram poder para ter outras ; porque a estes mesmos acontece no cabo da vida tomarem outra moça, quando a acham, maxime sendo elles principaes ; mas se não têm tomado outra pela amizade e conversação de longo tempo com as primeiras, lhes vem a tomar este amor. E quando os querem baptizar dizem que aquellas tiveram de pequenas, e com ellas cresceram, e que as não hão de deixar ; e o mesmo dizem outros, postos que sejam mancebos ao tempo do baptismo, porque se acham já com aquella, e lhe querem bem, porque não tiveram outra nem ao presente tem poder para a achar, e se acertaram de vir a poder dos portuezes, têm medo que lh'as tomem seus senhores, e elles se fiquem sem mulher ; mas se lhes dão alguma mais geitosa, facilmente deixam a primeira; e assim acontece não raro que estes mesmos se ao tempo do baptismo têm tomado alguma de novo, ou algum principal lhe quer dar alguma filha, ou irmão, facilmente deixam a outra, e não

querem casar senão com a derradeira. E as outras, ou se ficam assim se são velhas e tem filhos, ou se casam com outros (como se disse ao principio) sem muito sentimento.

## PROGRESSO DO JORNALISMO NO BRASIL.

Artigo escripto e offerecido ao Instituto pelo seu socio correspondente o Sr. Francisco de Sousa Martins.

A imprensa tinha sido inventada no meiado do seculo XV (\*), e desde então usada em toda a Europa; mas a censura e o systema colonial portuguez nunca toleraram que ella se estabelecesse no Brasil até a vinda para o Rio de Janeiro da familia real de Portugal em 1808. No fim d'este anno principiou a publicar-se n'esta cidade o periodico denominado *Gazeta do Rio de Janeiro*, o qual era redigido pelos officiaes da secretaria dos negocios estrangeiros, de quem era propriedade, em pequenino formato de quarto de folha de papel almaço. Este jornal occupava-se quasi exclusivamente com as noticias da guerra que então se fazia na Europa, contra o poder de Napoleão Bonaparte, e com a publicação de alguns poucos actos officiaes, principalmente despachos de empregdos publicos, e occasionalmente alguns annuncios das novas composições litterarias que sabiam á luz. Na mesma época principiou a escrever-se na Bahia outro periodico, no mesmo formato

(\*) O auctor d'esta arte admiravel foi o allemão Guttemberg em Mayença. O primeiro livro impresso foi o celebre Psalterio, que tem a data de 1457. A Biblia publicada na mesma cidade sem data é do anno de 1456.